

A Festança Carnavalesca Pernambucana: Mário Sette e Seu Candinho da Farmácia no Compasso do Frevo.

José Jairo Ferreira Cabral

(Mestrando em História,

Unicap.

Jaica13@gmail.com).

Resumo

Este artigo tem como intenção problematizar o carnaval, também enquanto palco da luta de classes, tendo como referência o romance *Seu Candinho da Farmácia,* do escritor pernambucano Mário Sette, ambientado no velho bairro de São José, no Recife, na década de 1930. Embora o discurso hegemônico, ideologicamente construído pelas elites dominantes, o apresente como a festa do congraçamento e do nivelamento entre as classes sociais. O autor nos capítulos IV e V do livro, descreve exemplarmente o carnaval da época, tomando como objeto um ensaio do Clube Vassourinhas. As regras estabelecidas pelo Estado, o controle exercido pelo aparelho de coerção e repressão estatal, definindo a forma de realização do carnaval e a ocupação do espaço público, refletem a tentativa de domesticar e enquadrar nos marcos civilizatórios estipulados pelas elites, o modelo popular das manifestações carnavalescas.

Introdução

Os esforços empreendidos pelos governantes em civilizar e domesticar o carnaval, como elemento estruturador da construção de uma identidade regional e não obstante os esforços para ocultar os traços genuinamente populares da manifestação carnavalesca, principalmente no plano do discurso ideológico, a luta de classes emerge fortemente como um elemento indisfarçável, de dentro da festa mais apreciada do Recife.

Mário Sette, homem católico, fervoroso devoto de Nossa Senhora do Carmo, e de formação conservadora, transita entre o conservadorismo bucólico e a modernidade portadora do progresso. Critica a destruição do passado nos seus aspectos físicos e urbanísticos e repele o solapamento da mentalidade e cultura tradicionais, em queixumes reminiscentes de sentimentos atávicos, tragados pelos tempos novos da modernidade capitalista, que corrói a tradição na perspectiva do impulso civilizador e

mudancista, cujos impactos determinaram a reorganização da sociedade em novas bases políticas, econômicas, sociais e culturais.

Por essa ótica o romance *Seu Candinho da farmácia,* escrito entre 1931 e 1932 e publicado em 1933, especialmente o capítulo IV e trechos do capítulo V, revela os hábitos, os costumes e os simbolismos, que caracterizam o carnaval da primeira metade do século passado.

O Tempo e a Obra de Mário Sette

Mário Sette nasceu em 1886 e foi a óbito em 1950. Viveu 64 anos e foi testemunha das transformações trazidas pela modernidade capitalista, a bordo dos processos de modernização, implementados através da industrialização, em superação ao modelo de produção baseado na agricultura e dominante até 1930.

Mário Sette foi um homem dotado de uma grande multidisciplinaridade. Foi historiador social, cronista, romancista, contista, jornalista e professor. Não possuía formação universitária, era autodidata, profundo conhecedor da língua e da literatura francesas e cultor do pensamento de Voltaire. Produziu uma vasta obra, na qual se destacam os romances *Senhora de Engenho, Palanquim Dourado, Seu Candinho da Farmácia,* dentre outros. *Senhora de Engenho* foi publicado em 1920, considerado o seu maior sucesso em termos de venda. Esse romance se localiza espacialmente na cidade de Tracunhaém, cidade interiorana da zona da mata norte de Pernambuco, cuja trama se desenvolve no engenho Águas Claras. Em torno do casal formado pelo coronel Cazuza e Dona Inacinha, o ideal virtuoso da vida no campo, da passividade pacifista, das relações afetivas e sociais controladas, sem conflitos de classe declarados, como consequência do poder centralizado na figura do coronel, que é o juiz a quem compete desfazer intrigas, zelar pelos interesses familiares e decidir sobre o futuro dos seus protegidos e da comunidade em que habita. O enaltecimento da vida nesse moldes, funciona como contraponto a vida na cidade grande, marcada pelo "progresso destrutivo" que reestrutura a sociedade em novos patamares, que subverte valores e estimula o surgimento de novos e indesejáveis comportamentos. Segundo Magdalena Almeida, em sua dissertação de mestrado, Mário Sette, o Retratista da Palavra, o romance *Senhora de Engenho,* através da personagem Maria da Betânia, inspirou o compositor Lourenço da Fonseca Barbosa, o Capiba, na feitura da canção homônima, gravada por famosos intérpretes da música popular brasileira e sucesso no país inteiro. (Almeida, 2000, p.101). O romance *Senhora de Engenho,* foi adaptado como peça teatral, encenada no teatro Santa Isabel, pelo grupo de teatro de amadores dos bancários. A composição Maria Betânia integrava a trilha sonora da referida peça.

O *Palanquim Dourado* é um romance histórico, no qual a narrativa ficcional se entrelaça com fatos históricos, apoiados em documentos e dados que lhe conferem legitimidade histórica. Ambientado em Olinda, no período em que os convencionais de Beberibe expulsaram do governo, o português Luís do Rego, em desagravo aos revolucionários de 1817.

O romance *Seu Candinho da Farmácia,* reflete a quebra de paradigmas, a modificação dos valores morais, impulsionadas pelo "progresso capitalista periférico" cuja matriz

deriva dos países desenvolvidos, que alterou profundamente o modo de viver na cidade do Recife, no primeiro quartel do século XX.

A imagem projetada nos círculos sociais onde transita Seu Candinho, é de um homem exitoso nos seus negócios, de boa reputação e reconhecido pelos seus pares. Por trás dessa imagem, nos subterrâneos da vida, Seu Candinho se utiliza de expedientes repulsivos para assegurar prestígio social, preservar interesses, submetendo a execração pública, através da calúnia, da intriga e da chantagem aqueles que não se subordinam aos seus desígnios. Conceituado farmacêutico, o que lhe confere protagonismo singular, Seu Candinho busca manter espaços de poder já conquistados, desagregando e destruindo pessoas que constituem o seu entorno. José da Penha, seu afilhado; Anésio, seu neto; Amparo, empregada da farmácia, filha de Dona Xandu, sua amásia, e namorada de Anésio, são as vítimas principais da perversidade do senhor Cândido Lagostim Tamarindo. Aliás, o nome atribuído ao personagem Seu Candinho e as inúmeras citações a iguarias da terra, reforça o regionalismo de Mário Sette como identidade singular.

O carnaval se sobressai no romance, como a moldura que enfeixa o início do relacionamento amoroso entre Amparo e Anésio, que para deleite de Seu Candinho, termina de forma melancólica e amarga: Amparo se desestrutura existencialmente pelo uso da cocaína e Anésio tomado de paixão, capitula desafortunadamente perante o vício da amada. É o réquiem que embala a fuga dos problemas causados pela maledicência da sociedade recifense.

Arruar, o último escrito de Mário Sette, fecha com chave de ouro sua enorme produção literária. É um livro de história, que mostra as transformações modernizadoras pelas quais o Recife passou, no período compreendido entre o final do século XIX e meados do século XX. A cidade do Recife é apresentada desde sua origem por diversos ângulos: as mudanças infraestruturais, os lazeres e divertimentos, os novos comportamentos e a religiosidade do povo, constituindo um painel multifacetado que permite enxergá-la como realidade histórica e metrópole urbana. O Recife é mostrado por inteiro.

O Carnaval em *Seu Candinho da Farmácia.*

O carnaval de rua é a maior festa popular do Recife. Impacta a paisagem da cidade que se ornamenta com o espírito da pândega carnavalesca. Movimenta o comércio, incrementa a oferta de serviços, ganha destaque na mídia, altera rotinas e o seu funcionamento cotidiano instaurando um clima de alegria e encantamento. "Transforma-se no território privilegiado do sonho e do desejo. As fantasias e as máscaras, extravasam as tantas repressões, os impulsos contidos e sublimados". (Apud Rezende, Antônio Paulo de Morais, 1977, p. 70). Cria no espaço público um ambiente imaginário, onde tudo parece possível: o nivelamento social, as inversões de papéis e o congraçamento de classes, servindo como meio de fuga para as agruras da vida, principalmente para os segmentos pobres da população. São os aspectos idílicos do carnaval que contagiam Mário Sette e o torna um emocionado apreciador dessa grande manifestação cultural pernambucana.

O ensaio do Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas do Recife, na passagem pela Rua Direita e adjacências. O encontro dos Clubes Lenhadores e Toureiros, na terça feira de carnaval, na Rua Nova, arrastando a multidão ao som vibrante do frevo, confere à narrativa um sentido épico e emoldura o início da relação amorosa de Amparo e Anésio. Mário Sette descreve com esmero o ensaio do Clube Vassourinhas sublinhando peculiaridades sócio-culturais e comportamentais, que compõem o cenário carnavalesco.

> "Minha gente, é o vassoura. É o vassoura mesmo! Vamos cair nas dobradiças.
>
> Casas se esvaziavam. Saem todos à vontade. Homens limpando as bocas na manga do paletó, interrompendo o jantar, uma crioulinha dando beliscões de frade numa meninota para espertá-la no andar; uma mulher gorda com o filho pequeno no braço, guardando ainda o peito que o amamentava; raparigas de vida alegre, de caras muito pintadas, flor nos cabelos, gingando as ancas; cozinheiras esfregando as mãos engorduradas nas saias de chita; rapazes em mangas de camisa; senhorias em alvoroço endireitando as ligas num displicente devassar de coxas; meninos em algazarra, rodando reco-recos; mulheres tirando chinelas para mais desembaraço dos movimentos; balofas negras sacudindo os flácidos seios; amas escanchando nos quartos os filhos alheios, metendo-lhes nas bocas chupetas duvidosas; matronas já avós; sexagenários resmungando contra a pressa dos moços; boleiras carregando os tabuleiros, geladeiras abandonando as barracas, quitandas trancando as portas, lavadeiras de trouxas nas cabeças, cães domésticos e vadios ajuntando ao tumulto humano seu ladrido espantado ou festivo...
>
> Quem não soubesse do ensaio do Vassourinhas imaginaria um pânico, um êxodo, uma nova revolução.
>
> E era apenas o frevo
>
> O frevo! Um imperativo de loucura, um contágio de desatinos, uma coceira de alegria. Ninguém mais se continha, ninguém mais se governava. Todas as imediações do bairro atravessado pelo buliçoso cordão carnavalesco vibravam ao zumbido fortíssimo do contenta-mento. Nas ruas mais afastadas o povo parava, ouvia os acordes ásperos da orquestra, orientava-se, e disparava de novo, entreavisando-se:

- Vem pelo pátio do terço, minha gente!

- Vamos esperar ele na esquina da igreja.

- Eu vou atalhar no Livramento.

- Já está perto. Aviem-se meninas!

- Vassoura é uma coisa doida, meu pai do céu!

- Não tem que dê nele! (Sette,1993, pp. 58-59).

Como conservador que era, Mário Sette compartilhava da opinião de que o carnaval era a festa da comunhão entre as classes, onde as diferenças eram postas de lado e a rua e a brincadeira de momo acontecia com a livre participação de todos os segmentos sociais, como está dito no trecho abaixo:

> "Um povão! Um povão! Gente de não acabar mais! Gente de todas as classes. Homens e mulheres numa conjunção das mais bizarras, das mais pitorescas, das mais democráticas (...) O industrial freternizando com a operária; o senhor de engenho virando mel para a moradora; o diretor alisando os dedos da datilógrafa; o proprietário ranzinza com a inquilina astuciosa; o homem das prestações justando contas com a mulata em atraso; o patrão de uma casa com a copeira da outra" (Sette, 1933, p. 61).

É a democracia da desigualdade, revelada nos desníveis sociais dos personagens e na construção hierárquica das frases, que embute a supremacia de uns sobre outros. É o industrial com a operária e não a operária com o industrial. O texto prossegue realçando o congraçamento de classe e as trocas afetivas igualitárias.

> "No engasgo da Ponte da Boa Vista dois frevos se enfrentam: O Lenhadores e o Toureiros. E foi um acabar de mundo, um arrocho de asfixiar, um pegar fogo de alegria. As duas marchas formidáveis se misturavam...os estandartes beijavam-se...os cordões serpenteavam sem ordem, sem continuidade. E só se viam, por cima da multidão inquieta, surdirem e sumirem-se cabeças de todas as idades, de todas as cores, de todas as classes, de ambos os sexos, nos pulos e nos bamboleios do passo. Ninguém mais se entendia, ninguém mais se controlava. Ele (Anésio) e Amparo se viram comprimidos, arrastados, impelidos, e numa defesa mútua, instintiva, se abraçaram. Sentiram um contato extremo de corpos, de rostos, de mãos. E, assim, contagiados, entraram também na onda" (Sette, 1933. P. 71).

É bom salientar que os clubes mencionados no correr do texto, são os clubes pedestres, organizados em sua ampla maioria por associações de ofício e sindicatos de

trabalhadores, cujos os nomes estampados nos estandartes identificavam as corporações as quais representavam, quase sempre vinculadas ao mundo do trabalho. E não eram apenas espaços de divertimento. Eram também espaços de sociabilidade, de formação profissional e às vezes de formação política, conforme documentação policial. “A Troça Carnavalesca Mista Traquinos de João de Barros é registrada na Polícia como uma agitada célula comunista, onde se reúnem constantemente perigosos elementos comunistas, entre eles membros da agremiação”. (Apud Santos, Mário Ribeiro dos. 2010, p.108). Naquela época existiam vários. Muitos desapareceram. Dentre eles: “Vasculhadores, Espanadores, Caiadores, Ciscadores, Ferreiros, Engomadeiras, Parteiras de São José, Cigarreiras Revoltosas, Empalhadores do Feitosa, Verdureiros em Greve” (Apud Araújo, Rita de Cássia Barbosa de, in Tradições e Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco. Org. Isabel Cristina Martins Guillen, 2008, p. 86). Alguns sobrevivem até hoje, como Vassourinhas e Pás, embora a função social antes exercida tenha se modificado.

É importante sublinhar também que, a confraternização de classe se realizava por iniciativa de setores da elite, que penetravam na brincadeira popular para atribuir ares democráticos e impor normas de controle. A resistência, as reações, os descontentamentos quanto a invasão de espaço e ao congraçamento forçado, eram apaziguadas ou enquadradas pela cooptação de dirigentes dessas agremiações, ou pela coerção estatal-policial exercida pelo poder vigente, mormente após a constituição da Federação Carnavalesca Pernambucana, em 03 de Janeiro de 1935. Por outro lado, a possibilidade inversa era inexequível. Não havia participação popular no carnaval das elites. A não ser como massa expectadora. Os clubes de alegoria e crítica eram a expressão maior do carnaval de rua elitizado. Carros decorados, inicialmente puxados por cavalos e depois motorizados, carregando a orquestra e os foliões fantasiados, conduziam parcelas das elites pelas ruas centrais da cidade, em um frenesi de exibicionismo burguês, observado pelo povo das calçadas. Isso se repetia nos bailes de carnaval, realizados nos grandes clubes sociais da cidade, cujo o acesso era exclusivo às camadas abastadas do Recife.

> “O que também está se acabando são os clubes de crítica, não é? Não sai mais nenhum.
>
> Inda o Dragões andou uns anos fazendo figura mais depois maré secou.
>
> Também com essa falta de dinheiro, minha gente! Dantes...
>
> Era o Filomomos, o Trinta e Três, o Cavaleiro da Época, o Nove e Meia. Cada carro, cada esquadrão, bonito mesmo!
>
> Eu não me cansava de ver.
>
> - Nem eu. Ficava que nem um corrupio doido. Corria para a rua do Livramento, para o Pátio do Terço, para a rua de São João. Via uma porção de vezes”. (Sette, 1933, pp. 73-74).

Pelo trecho acima citado é possível intuir que, o povo, apenas apreciava de longe o carnaval galante das elites recifenses. Protegida pelos seus carros alegóricos, que

impediam a aproximação das camadas populares e portanto o congraçamento social indesejado naquele tipo de carnaval.

Conclusão.

A contribuição de Mário Sette para a compreensão do carnaval de rua do Recife, como manifestação cultural reveladora dos hábitos, dos costumes e da índole de um povo, é deveras valiosa. Pelas frestas do romance *Seu Candinho da Farmácia,* é possível ver a crueza da luta de classes, o preconceito racial velado, a misoginia e o autoritarismo masculino reproduzido pelas senhoras de linhagem elitista, encoberta pelo discurso ideológico dissimulador.

Outro aspecto relevante é o papel desempenhado pelo carnaval, como elemento estruturante da identidade pernambucana e regional. A partir dessa grande festa popular se constrói uma narrativa que apela ao emocional, que valoriza as tradições, a história cultural das grandezas locais e o modo de vida peculiar como expressão de pertencimento, evocando o sentimento de pernambucanidade. Luiz Bandeira, no clássico frevo canção É de Fazer Chorar descreve de modo exemplar esse sentimento de pernambucanidade: "Quem é de fato um bom pernambucano, espera um ano e se mete na brincadeira. Esquece tudo quando cai no frevo e no melhor da festa chega a quarte feira". (Gravação Banda Eddie, cd frevo do mundo).

O frevo invenção pernambucana para o carnaval, é fruto da miscigenação musical do dobrado, da polca, do galope, do tango, do maxixe. É um tipo de música ligeira, com substância própria, original, que serve de trilha sonora para uma dança de passos acrobáticos e coreografia ímpar. A descrição feita por Capiba, no seu frevo canção intitulado É Frevo Meu Bem, é perfeita:

> "Pernambuco tem uma dança que nenhuma terra tem, quando a gente entra na dança, não se lembra de ninguém. É maracatu, não! Mas podia ser. É bumba meu boi, não! Mas podia ser. Mas será o baião, não! Mas podia ser. É dança de roda, não! Quero ver dizer. É uma dança Que vai e vem, que mexe com a gente, é frevo meu bem!" (Gravação Claudionor Germano, cd carnaval de Capiba)

O universo mágico do carnaval de rua de Pernambuco, é uma construção histórico-ideológica, baseada na singularidade cultural, no espírito festeiro do nosso povo e no enaltecimento dos grandes feitos e marcos identitários pernambucanos, conforme podemos verificar no frevo canção de Nelson Ferreira e Aldemar Paiva, Pernambuco Você é Meu:

> "Terra boa meu Pernambuco que faz, frevo bom maracatu tem mais, banho em Beberibe, cachaça gostosa, mangaba cheirosa ai ai ai, Tudo isso minha terra tem. Tem rede macia prá gente sonhar,

> buchada, peixada, bate-bate prá enganchar. Tem morena formosa que seu coração não me deu, mas por isso não choro, porque Pernambuco você é meu". (Gravação Expedito Baracho, cd Evocando Nelson).

No âmago desse universo mágico apropriado pela elite dirigente, encobria-se as contradições de classe, as resistências, as manifestações populares, as desigualdades sociais e celebrava-se a convivência harmoniosa, os comportamentos colaborativos e o nivelamento social imagético. Ter o controle das ruas, era estratégico para consolidação dos processos de modernização em curso na cidade do Recife, na década de 1930 do século passado. A elite fazia o seu carnaval particular nos clubes sociais, mas também ganhava as ruas apoderando-se dos espaços públicos para as suas brincadeiras, das quais os clubes de alegoria e crítica com os seus carros alegóricos, o corso dos automóveis enfeitados e os blocos de pau e corda com belas fantasias e cordão de isolamento, são os símbolos maiores enquanto objetivação do poder dominante.

Bibliografia

Almeida, Magdalena Maria de. Mário Sette: O retratista da palavra. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000;

Almeida, Maria da Graças Andrade Ataíde de. A construção da verdade autoritária. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001;

Arrais, Raimundo Pereira Alencar. Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha salvacionista de 1911. Natal: EDUFRN, 1998;

Araújo, Rita de Cássia Barbosa de. Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996;

Azevedo, Neroaldo Pontes de. Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa/Recife: UFPB Editora Universitária; UFPE Editora Universitária, 1996;

Rezende, Antonio Paulo de Morais. (Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de 20. Recife: Fundarpe, 1996;

Sette, Mário. Seu Candinho da farmácia; apresentação e organização Lucilo Varejão Filho. Recife: Ed. do organizador, 2005 – (Coleção os Velhos Mestres do Romance Pernambucano; V. 6);

Santos, Mário Ribeiro dos. Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife: (1930 – 1945). Recife: SESC, 2010.

,